



A MENTIRA

Infinitas são as formas de sintetizar o ser humano. A bioquímica diz que somos mais água que carne; em Anatomia tronco que membros; em psicologia mente que corpo. Grandes e incontornáveis filósofos debruçaram-se sobre a definição do homem. Aristóteles, por exemplo, para distinguir o homem dos outros seres, o define como o *bípede sem penas*, isto é, ave de duas patas, mas sem plumagem. Em termos comportamentais, como disse Amartya Sen, o comportamento humano é visto como baseado em motivações simples e facilmente caracterizáveis.

Em fim, a noção de ser humano é a busca de uma síntese por via de outras noções mais simples. Neste texto interessa-me as qualidades humanas mais cotidianas, mais vulgares, mas que revelam com certa profundidade os amontoados de lixo no interior do ser humano. Tais qualidades chamá-las-ei de os molwênes da alma humana. Nesta edição iniciamos com a mentira.

*

Parece-me um dos mais antigos vícios da alma humana. Nas escrituras sagradas das religiões monoteístas, foi a mentira responsável pela expulsão do Homem do Jardim do Éden. Podemos afirmar que o verdadeiro sustento do pecado original foi justamente a mentira. Em consequência desta origem que se perde no tempo, podemos dizer sem muito risco, que a mentira se foi consolidada no ser humano, quase como um elemento instintivo. Quase congénita. Se a ave tem instinto de voo, o homem tem-no de mentir. É como se a mentira fosse uma iguaria irresistível, disponível para consumo, gratuitamente, em cada dobrar de esquina.

Interesse particular tem a mentira cotidiana, aquela que normalmente acompanha as nossas conversas diárias, nos intervalos do trabalho, na copa, nos cafés, bares, nas modernas caminhadas matinais, em fim, nas nossas conversas normais e habituais. Dizer de alguém e de um assunto algo original e novo, impele a inventar factos e fenómenos, só para alimentar a ocasião. Portanto, a mentira cotidiana, é sempre ocasional, transitória e não sempre bem estruturada. É sustentada por um défice de conhecimento ou por uma forte ansiedade de camuflar esse défice. A mentira atinge o pico no ambiente de *copos*, que hoje está se convertendo em elemento da nossa cultura, propagando-se como um verdadeiro enxame, cujo zumbido vai se agravando a medida que o cérebro é cavalgado pelo álcool.

Uma das motivações da mentira cotidiana, parece-me, inelutavelmente, a vaidade. A vaidade de querer demonstrar que sabemos mais do que realmente se sabe, de termos mais cultura, mais informação e melhor raciocínio. A mentira pode ser comparada a um tubo de escape quebrado em vários pontos, em que os gases são libertos fora do percurso previsto pelo inventor da viatura. Adaptando esta analogia ao nosso corpo, diríamos que o tubo de escape quebrado é o nosso coração e o inventor é Deus. Mentir é, portanto, uma opção, voluntária, em ajustar-se ao Bem ou ao Mal.

A par da mentira cotidiana existe a mentira estruturada. Muito matreira, dissimulada, uma verdadeira maestra do carnaval mascarado. Esta é programada, feita com cálculo, recheada de detalhes e munida com recursos prévios para a sua autodefesa. É o tipo de mentira que normalmente tem planos alternativos A, B,C...etc.

Foi a mentira estruturada que colocou José Sócrates numa polémica académica por nós muito bem conhecida; foi esta mesma mentira, o plágio, que levou, Karl-Theodor Zu Guttenberg, o ex-Ministro da Defesa da Alemanha a demitir-se, também por plágio na tese de doutoramento na Universidade; É a mesma mentira que suporta a tese da generosidade paradisíaca de Kagame, em enviar os seus "melhores filhos" ao teatro operacional Norte em Moçambique, sem expectativa de "receber nada em troca". Em Moçambique, as cortinas de fumo, indicar um caminho quando na verdade se vai pelo outro, as cábulas, as fraudes académicas atingiram o estatuto de legal. Na política ela atinge o auge nas campanhas e promessas eleitorais.

Na estética física, a mentira, a camuflagem, as máscaras humanas, tem o seu ponto culminante nos salões de beleza, nas cirurgias plásticas no Brasil, na Turquia, na RSA, os famosos botoxs, para salientar partes do corpo mais sensuais, em fim, nos vários centros e métodos de bate-chapa e pintura corporal.

A mentira é a força motriz de todas as Guerras que devastam os homens e a terra. As Guerras coloniais tinham como justificação moral a superioridade de povo sobre o outro; direito de uns usufruírem mais sobre recursos que outros. O partido de Hitler quando ascendeu ao poder, teve que inflamar o povo alemão com um programa eleitoral que nada tinha a ver com as suas reais intenções: Guerra planetária. Se não houvesse mentira não haveria necessidade de campanhas contra a guerra ou em favor da paz.

Em alguns espíritos a mentira enraizou-se fortemente, ganhando estatuto de herança, tão arraigada, resistindo a todas as buzinas da moral e da ética. Quando a mentira se torna natural, isto é, o estilo de vida de alguém, então, aí passamos de um estágio de mentira programada, racional e calculada para um de mentira espontânea, natural e instintiva. Aqui o mentiroso forma uma aliança hipostática com a desonestidade efectiva. A Mentira torna-se parte constitutiva da sua personalidade. Um caminhar penetrando as trevas como um possesso.

Até alguns que se dedicam a religião assumem como parte integrante da sua doutrina que "há mentiras necessárias". Assemelha-se ao diabético que toma doses "benéficas" de açúcar; ao hipertenso que brinda com uma taça de pó de sal; ao motorista que conduz, em contramão, de olhos vendados; ao crente em Deus que é um inquilino das palhotas e mergulhador profissional de bafos das trevas. Em fim, é como oferecer alguém água salgada ou vinagre para matar a sede. É colocar uma coroa de espinhos sobre a honestidade e uma tiara sobre a falsidade.

É talvez momento de distribuirmos gratuitamente pelas escolas, famílias e na sociedade, detentores de mentiras. Pois, não mentindo mais, se erradicavam do Mundos os quatro cavaleiros do Apocalipse: peste, Guerra, Fome e Morte.

Há uma mentira que particularmente tem me levado a reflexão profunda: a mentira intelectual. Baseada numa retórica muito bem articulada, associação de números e de factos com aparência de uma verdade irrefutável, salpicada e entremeada de algumas verdades soltas e forçadas para o contexto, se

elaboram e se ocultam doutrinas e ideologias de efeito mais complexo e de longo prazo.

Um exemplo clarividente da mentira intelectual é a que gratuitamente somos brindados com o decurso do Julgamento das dívidas ocultas na dita tenda das revelações. Os réus, os declarantes, os advogados e uma legião que os suporta nacional e internacionalmente, tem nos servido cocktails, saladas e teias de aranhas artificiais, com os condimentos bastantes para concorrer a alguns concursos internacionais da literatura mais criativa.

Na geopolítica, por exemplo, a solidariedade e o humanismo internacional Chinês, recorre à momentos históricos de aproximação com alguns povos africanos, as suas lutas pela independência, até, vejam só isto, à pretensas pontes culturais entre África e Pequim, para sustentar a desflorestação e desertificação desses países "amigos" de pele escura, a extinção dos seus recursos naturais e humanos, o endividamento irreversível, irrevogável e estrangulador dos mesmos. Tudo isto na lógica de implementação de plano bem oculto, de longo prazo, de reconstituição de um império perdido, mas, que hoje, enrustado de ambições de dimensão planetária.

Hoje está na moda a difusão das ideologias de esquerda, embasadas na teoria das liberdades individuais ao extremo, as teses da livre opção de orientação sexual das crianças, atingindo o pico com a moderna pansexualidade, sexo com tudo e todos, a defesa da despenalização da pedofilia; um plano muito bem urdido, de dimensão global, para o esvaziamento e extinção da instituição família, a extinção da autoridade paternal dos pais sobre os filhos, em fim, o trilho para o retorno do homem para o estado de natureza perversa, a transição dos valores naturais divinos para o estado de animalismo.